

Copacabana, 1960

Zé Roberto engoliu às pressas o macarrão, vestiu a farda cáqui do Colégio Militar, gritou “tchau, mãe” e saiu. Eva tinha uma lojinha de doces na Galeria Menescal — a Bom Bocado — e trabalhava de manhã em casa com a cozinheira Nazaré e à tarde ajudava a sócia Lucila a vender na loja. O negócio ia de vento em popa.

“Tchau filho, vai com Deus.”

Quando já estava quase na esquina, Zé Roberto passou a mão na cabeça e se lembrou, merda, tinha esquecido a porra do casquete, sem ele não o deixariam entrar no colégio e tomaria falta. E um baita esporro do pai, talvez uns tapas. Mas já que chegaria atrasado, aproveitaria para matar a primeira aula, de Matemática, fazendo hora no botequim próximo ao colégio. Acendeu um Continental, caminhou sem pressa para casa e na portaria cruzou com Nazaré que saía para fazer a feira. Subiu os três lances de escada e entrou pela porta da cozinha, onde esquecera a porra do casquete. Ouviu a voz da mãe, falando baixo ao telefone da sala.

“Não... não... pode ser perigoso... é melhor em outro lugar...”

Ficou imóvel na cozinha, apurou os ouvidos e sentiu seu coração disparar.

“Não, eu não aguento esperar... tá bom... eu vou”, a mãe se desmanchava em denago, “é em que altura da avenida Copacabana?”, fez uma pausa para ouvir, “sei... aquela da praça do Lido... já anotei... 236 apartamento 714... também te amo... um beijo bem gostoso... daqui a pouco estou lá, vai preparando um drinquezinho para nós... beijo”, e desligou.

“236, 714, 236, 714, 236, 714”, repetindo mentalmente os números fatais, com o coração aos pulos e a respiração acelerada, Zé Roberto se esgueirou pela porta da cozinha contendo o choro. Desceu os três lances de escada correndo e, assim que chegou à rua, pegou a caneta e anotou os números na mão. Em estado de choque com a descoberta, seu primeiro impulso foi entrar no botequim, onde poderia se esconder e tomar um conhaque.

Encostou no final do balcão de onde tinha boa visão da portaria de seu prédio e poderia controlar a saída da mãe. Pensou em segui-la, em pegá-la de porrada na rua, em telefonar para o pai, em chamar a polícia, em matá-la, tomou um segundo conhaque, achou que era melhor esperá-la nas imediações do número 236 da avenida Copacabana. E ver com seus próprios olhos. Torcendo para que tudo fosse um mal-entendido.

Pagou os conhaques e caminhou até a avenida Copacabana, onde pegou um lotação para a praça do Lido. Com a cabeça entre os braços apoiados no banco da frente, chorou em silêncio durante todo o trajeto, até descer no ponto próximo à praça. Enxugou os olhos com as costas da mão e atravessou a rua com o sinal aberto, driblando carros, ônibus e lotações.

Zé Roberto contou 12 andares, o 236 era um prédio de fachada escura e austera, com a portaria de mármore marrom, por onde entrava e saía gente sem parar. Era uma típica cabeça-de-porco de Copacabana, com vinte apartamentos JK — janela-e-kitchenette — por andar, uma boa parte ocupados por *garçonnières* (ou “matadouros”, como se dizia na turma) e por putas. Era ali que sua mãe entraria.

Entrou em um botequim e tomou mais um Dreher. Sentou-se em um banco da praça, protegido por uma árvore, e esperou. Torcendo para que ela não viesse.

Mas Eva veio, discretíssima, com um tailleur azul-marinho e uma blusa de seda branca, os cabelos presos em coque e grandes óculos escuros. Saiu de um táxi e entrou rapidamente no prédio. A cada passada, o salto alto e fino de seu sapato furava o coração de Zé Roberto. Pior seria se ele sentisse o perfume que ela exalava. E imaginasse a lingerie transparente que mais revelava do que cobria seu corpo moreno por baixo do tailleur. E como ela soltaria os cabelos e tiraria as meias de náilon pretas para o amante. Como gemeria e gritaria de prazer. Felizmente Zé Roberto não tinha muita imaginação.

Foram 80 minutos lancinantes, os piores de sua vida. Finalmente o pior aconteceu: sua mãe saiu ao lado de um homem alto de cabelos pretos, viu os dois caminhando apressados em direção à rua Belfort Roxo. Zé Roberto atravessou a avenida e seguiu-os a distância. Viu-os entrando num velho De Soto verde-claro e partindo. Chapa DF-3879, anotou na mão. E começou a pensar em como voltaria para casa e encararia a mãe. E o pai.

Não voltaria, inventaria uma mentira, dormiria na casa de alguém. Poderia dormir na praia, em qualquer lugar, mas só voltaria para casa no dia seguinte, depois que ela saísse para o trabalho. Tirou os sapatos, arregaçou as calças e caminhou pela beira do mar até o Leme, depois voltou por toda a extensão da praia até o Posto Seis e de lá retornou ao Lido. O sol avermelhava por trás do Forte de Copacabana, Zé Roberto lavou os pés no chafariz da praça, sentou-se em um banco e chorou.

Não conseguia mais suportar sozinho aquela verdade horrenda. Precisava urgentemente falar com alguém, contar tudo, desafogar. Mas quem? Marina, a irmã um ano mais velha, nem pensar, ela não acreditaria e contaria tudo para a mãe — que o odiaria para sempre. Não teria coragem de dizer ao pai que ele era corno, o coronel jamais acreditaria, lhe daria uma surra e provavelmente o botaria

para fora de casa. Nenhum parente era de confiança para conhecer aquele segredo terrível. Amigos? Que amigos? Aqueles bostas do Bairro Peixoto?

Entrou em um bar e ligou para casa. A cozinheira Nazaré atendeu, Zé Roberto mandou avisar os pais que ia dormir na casa do colega Robson e de lá iria direto para o colégio, pediu para chamar Bombril.

Filho de Nazaré, da mesma idade de Zé Roberto, Bombril era um negrinho magrelo e dentuço, feioso mas dotado de grande simpatia e muito talento para o futebol. Crescera junto com Zé Roberto e Marina — sua mãe trabalhava na casa havia 13 anos —, e dividia com Nazaré um beliche no quarto de empregada do apartamento da família Ferreira. Bombril se chamava Ismael e devia à televisão o seu apelido.

Com a precária geração de imagens da TV Tupi e pior ainda da TV Rio, ver televisão era também uma aventura que dependia muito de capacidade técnica dos usuários. Era necessário ajustar os botões de controle horizontal e vertical para que a imagem ficasse estável, equilibrar a luminosidade e o contraste, que variavam de programa para programa, e principalmente encontrar a posição ideal da antena. Uma haste mais ou menos aberta, com a base um centímetro para lá ou para cá, era suficiente para a imagem nítida se transformar em um borrão.

Uma noite, o coronel Kleber viera com uma novidade, um truque tecnológico que aprendera com um colega de Engenharia Militar. Colocou um chumaço de palha de aço na ponta das hastes da antena e prometeu uma imagem clara e nítida. A mágica funcionou, os finos fios de aço facilitavam mesmo a recepção das imagens e sons e evitavam o incômodo abre e fecha e vira e mexe da antena a cada instabilidade do sinal.

No dia seguinte, arrumando a casa, Nazaré achou estranho aqueles chumaços de Bombril — uma marca tão popular que se tornou em genérico para palha de aço — enfiados na antena da televi-

são. Pensou que era uma brincadeira, tirou e jogou fora. À noite, quando o coronel ligou a TV, o som e a imagem apareceram como um borrão barulhento.

Falou alto e grosso:

“Quem tirou o Bombril daqui? Quem foi? Apresente-se!”

Todos se entreolharam em silêncio.

“Nazaré!”, gritou o coronel em direção à cozinha, onde ela lavava os pratos do jantar.

Chegou enxugando as mãos e contou com naturalidade que o tinha levado de volta ao seu lugar — a pia. Estava usando a esponja mas no dia seguinte compraria outra.

O coronel explodiu:

“Amanhã pode estourar uma bomba atômica e nós podemos estar todos mortos, Nazaré! A vida é agora, Nazaré!”

Nazaré saiu cabisbaixa. Zé Roberto aproveitou a deixa:

“Corta um chumaço do cabelo do Ismael e coloca na antena, vai dar o mesmo efeito”, recomendou Zé Roberto, explodindo numa gargalhada. O coronel a custo conteve o riso, dona Eva sorriu enca-bulada e Marina não achou a menor graça e fechou a cara.

“Fala, Bombril, tu pode ficar rico vendendo cabelo para antena”, provocou Zé Roberto, rindo e puxando o cabelo de Ismael, que sentiu um ódio profundo e vontade de enchê-lo de porrada. Mas nada disse, de cabeça baixa e com um sorriso abobalhado, levantou os olhos e encontrou nos de Marina o conforto e simpatia de que tanto precisava. Ignorou Zé Roberto, que não parava de rir, pegou uma revista e começou a fingir que lia, remoendo sua raiva e se consolando com a solidariedade de Marina, enquanto o coronel resmungava e ajustava a TV manualmente, como nos velhos tempos pré-Bombril.

O apelido pegou, Zé Roberto repetiu-o o dia inteiro no bairro, para todo mundo, e quanto mais Ismael reclamava, mais os garotos se divertiam. Acabou trocando socos e pontapés com o Magro e descontando nele a raiva que sentia de Zé Roberto e a impossibilidade de espancar o filho do patrão.

A voz de Zé Roberto tremia e rangia ao telefone. Ou ele estava mesmo muito abalado ou então a linha estava muito ruim, pensou Bombril.

“A coisa tá preta... a coisa tá preta... preciso falar com você urgente... vem para cá... tô pedindo como amigo... estou aqui no Bar Bolero na avenida Atlântica, perto do Lido... estou te esperando.”

“Porra, mas logo agora que tá começando o *Espetáculos Tonelux*... não dá para ser mais tarde?”

“Não! Não! Tem que ser agora... vem logo que o caso é sério.”

“Mas o que é que aconteceu? Você está preso? Matou alguém? Está machucado? O que é que há? Desembucha logo.”

“Não é nada disso... é até pior... mas não posso falar pelo telefone, tem gente esperando para ligar. Te conto tudo depois, mas vem agora”, fez uma pausa e Bombril ouviu a respiração pesada de Zé Roberto, “por favor.”

Para aquele mandão de merda estar pedindo por favor a coisa devia ser séria mesmo, Bombril disse que estava indo.

Zé Roberto pagou o telefonema e ocupou uma mesa na varanda para esperar Bombril.

Os carros passavam lentamente pela avenida Atlântica, garotos ofereciam cones de papel com amendoim torrãozinho, um grupo de flauta-cavaquinho-violão divertia uma roda de turistas na calçada. Dois policiais encostados em uma viatura estacionada em frente ao bar fumavam e conversavam animadamente. Pediu um chope ao garçom e olhou o relógio mais uma vez. Começou uma chuva fina.

Vinte minutos depois, Bombril chegou.

Zé Roberto contou tudo. De um jato, como um jorro de vômito. Quando terminou, ofegando e com a voz pastosa, disse que não queria ouvir comentários nem conselhos de ninguém, que queria só desabafar.

“Bom... então posso ir para casa?”, Bombril foi se levantando.

“Não, espera aí, vamos tomar um chope, vamos conversar, vamos falar de outro assunto, senta aí”, Zé Roberto quase implorava.

Bombril sentiu pena daquela criatura que quase sempre odiava. Mas também sentiu uma estranha alegria por ele estar sofrendo um castigo tão medonho. Gostaria de dizer-lhe que era melhor ser crioulo de cabelo de bombril do que filho de um corno e uma puta. Mas falou apenas:

“Calma... calma... ninguém vai morrer por isso... isso acontece todo dia com muita gente... é uma coisa da vida... depois tudo se ajeita.”

Essa dona Eva, hein? Quem diria, Bombril pensava mas não dizia. Até que a coroa era gostosona, se cuidava com cremes, estava sempre com os cabelos arrumados e as unhas pintadas de vermelho, mas nunca passara pela sua cabeça que ela pudesse foder com ninguém além do coronel Kleber. Aliás, nem com o coronel. Como seria dona Eva fodendo, será que gritava na hora do gozo? Tentou imaginá-la nua, enquanto Zé Roberto dizia que não podia contar ao pai, que ele poderia matá-la. Mas também não poderia deixá-lo ser corneado impunemente.

“Então manda uma carta anônima pra ele”, Bombril sugeriu, e os olhos de Zé Roberto se acenderam. “Ele nunca vai saber que foi você, vai procurar as provas e vai tomar as providências... afinal, isso é um assunto de marido e mulher.”

Bombril também mandaria uma carta anônima, mas para dona Eva, avisando-a de que tinha sido descoberta e corria perigo. Certamente ela acabaria com o amante, ninguém mataria ninguém e a harmonia voltaria ao lar dos Ferreira. Bombril pensava em Marina.

Zé Roberto se arrependia amargamente de ter seguido a mãe, de ter ouvido aquele telefonema, de ter esquecido a porra do casquete.